 ISBN: 978-85-87942-61-6

GT 015. Antropologia das Mobilidades Contemporâneas

André Dumans Guedes (GSO/UFF) - Coordenador/a, Candice Vidal e Souza (PUC Minas) - Coordenador/a, Luzimar Paulo Pereira (Universidade Federal de Juiz de Fora) - Debatedor/a Este grupo de trabalho pretende abrigar pesquisas que tenham as mobilidades como objeto etnogr?fico. Buscamos dialogar com trabalhos que abordem as formas e significados de experi?ncias, pr?ticas e representa?es diversas sobre o deslocamento, em diferentes contextos socioespaciais e temporais. Para tal fim, sugerimos que os trabalhos tratem de uma ou mais das seguintes quest?es: 1) as formas de mobilidade ou deslocamento cotidiano, seus arranjos espa?o-temporais caracter?sticos e sua rela??o com formas de organiza??o de coletivos, identidades e institucionalidades; 2) as diferen?as nos deslocamentos (ou nas imobilidades) pensadas em suas rela?es com as capacidades diferenciais dos sujeitos de se mover e ter acesso ao mundo, em raz?o de situa?es de classe, g?nero, localiza??o, etnia, idade ou valores religiosos e morais; 3) as propostas e reflex?es metodol?gicas para o estudo de sujeitos em movimento. As mobilidades em quest?o podem situar-se no interior de ?reas urbanas, rurais ou naturais; ou ?entre? tais espa?os. Nesse sentido, buscaremos orientar nossa discuss?o coletiva pelo di?logo com aquelas reflex?es pioneiras sobre o tema surgidas dos estudos sobre o campesinato brasileiro. O que h? de particularmente inspirador nestes estudos, balizando aqui nossa discuss?o, ? a estrat?gia de analisar as m?ltiplas formas e modalidades de movimento conjuntamente com a diversidade de vocabul?rios, linguagens e formas narrativas de que se servem aqueles em deslocamento.

Territórios, movimentos e desertos entre quilombolas do nordeste de Goiás

Autoria: Daniela Carolina Perutti

Neste paper, pretendo explorar as diversas maneiras pelas quais os quilombolas de Família Magalhães (Nova-Roma, GO) se territorializam e desterritorializam a partir daquilo que entendem como movimento e deserto. O grupo é originário dos kalungas, escravos fugidos que viviam, desde o século 17, escondidos pelas serras e vales do Rio Paranã. Naquele momento de fuga a uma condição de escravidão, movimentavam-se para não serem vistos, e a região parecia propícia para isso. Os chamados kalungueiros por ali se espalharam e parte deles estabeleceu-se, já nos anos de 1950, em local conhecido como Fazenda Lavado, no município de Nova Roma. Família Magalhães, assim como os demais novarromanos em geral, queixam-se com frequência do fato de aquele lugar estar sem movimento, em vias de virar um deserto. Dizem que ali não existe uma firma, nunca foi caminho de uma ?BR?, o garimpo acabou e a terra padece na seca, que a cada ano é mais intensa. Em certas narrativas, Nova Roma é quase um não lugar, pois marcado fundamentalmente pela falta. É sob essa percepção que tecem suas formas de estar no mundo, em busca de movimento: seja nas ?andanças? para Brasília, Goiânia, oeste da Bahia e fazendas vizinhas, com o intuito de ?caçar melhora?, seja atraindo gentes e relações no ?tempo da política? e nas festas de santo, marcadas por intensa circulação de pessoas e trocas de ajudas. Família Magalhães lida de formas específicas com o que chamam de deserto. Ao se definirem como pessoas propensas à amizade, tomam sua maneira de produzir relações como forma de dar movimento às suas vidas. Consideram que esse modo ?amigueiro? de ser é uma herança do falecido João Magalhães, ancestral fundador da família que, por meio de suas ?andanças?, teria feito muitos amigos. Contudo, para além de uma suposta herança atribuída aos movimentos do pai, Sebastiana, viúva de João, diz que seus filhos só se fizeram ?amigueiros? porque foram por ela criados no deserto, longe de farras, bebidas, cigarro, longe de ?malandragem?. São, em sua acepção, pessoas honestas, calmas, sem maldade, qualidades necessárias a um ?amigueiro?. Assim, para os Magalhães, deserto aparece tanto como ausência de gentes e de relações, de onde procuram se afastar por meio de sua propensão a produzir amizades, quanto ? do ponto

 ISBN: 978-85-87942-61-6

de vista das mães ? condição original, necessária para se fazerem ?amigueiros?, conferindo movimento às suas vidas, pois só teriam essas qualidades porque foram criados no deserto. Pretendo, portanto, explorar os sentidos e relações entre deserto e movimento nos modos de estar no mundo desses quilombolas.

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero , de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA)e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização: **Apoio:** **Organização:**